

PHILIP ROTH

HOMEM COMUM

Tradução

Paulo Henriques Britto



Copyright © 2006 by Philip Roth
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Everyman

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Mirtes Leal

Revisão
Renato Potenza Rodrigues
Larissa Lino Barbosa

Atualização ortográfica
Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roth, Philip
Homem comum / Philip Roth ; tradução Paulo Henriques
Britto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2017.

Título original: Everyman.
ISBN 978-85-359-2879-2

1. Romance norte-americano I. Título.

17-01580

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

2017

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

*Cá, onde os homens vivem a gemer,
Onde cabelos brancos, ralos, tremem,
E jovens morrem, magros como espectros;
Onde basta pensar para sofrer [...]*

JOHN KEATS, “Ode a um rouxinol”

EM TORNO DA SEPULTURA, no cemitério malculhado, reuniam-se alguns de seus ex-colegas de trabalho da agência publicitária nova-iorquina, lembrando sua energia e originalidade e dizendo a sua filha, Nancy, como fora divertido trabalhar com ele. Havia também pessoas que tinham vindo de carro de Starfish Beach, a comunidade de aposentados na costa de Nova Jersey onde ele morava desde o Dia de Ação de Graças de 2001 — os idosos que recentemente tinham sido seus alunos num curso de pintura. Vieram também os dois filhos, Randy e Lonny, homens de meia-idade, filhos do turbulento primeiro casamento, que eram muito próximos à mãe e que, em consequência disso, do pai conheciam pouco de bom e muito de péssimo, e só estavam ali por obrigação, mais nada. O irmão mais velho dele, Howie, e sua cunhada também estavam presentes, tendo vindo da Califórnia de avião na véspera; e também uma de suas três ex-esposas, a do meio, a mãe de Nancy, Phoebe, uma mulher alta, magérrima, de cabelo branco, cujo braço direito pendia inerte ao longo do corpo. Quando Nancy lhe perguntou se ela queria dizer alguma coisa, Phoebe balançou a cabeça, tímida, mas logo em seguida começou a falar em voz baixa, uma fala um pouco arrastada. “É muito difícil de acreditar. Fico lembrando o tempo todo dele nadando na baía — só isso. É o que vejo, ele nadando na baía.” E mais Nancy, que havia negociado com a agência funerária e telefonado para as pessoas que compareceram ao enterro, para que não estivessem presentes apenas ela, sua mãe, o irmão e a cunhada dele. Havia uma única pessoa presente que não tinha sido convidada, uma mulher atarracada com um rosto redondo e simpático, de cabelo pintado de ruivo, que simplesmente apareceu no cemitério e

apresentou-se como Maureen, a enfermeira particular que havia cuidado dele após a cirurgia do coração, anos antes. Howie lembrou-se dela, e foi dar-lhe um beijo no rosto.

Nancy disse a todos: “Eu queria começar falando alguma coisa a respeito deste cemitério, porque descobri que o avô do meu pai, meu bisavô, não apenas está enterrado na parte mais antiga, ao lado de minha bisavó, como também foi um dos seus fundadores, em 1888. A associação que financiou e construiu este cemitério era formada pelas sociedades funerárias das organizações beneficentes e congregações judaicas dos condados de Union e Essex. Meu bisavô era dono de uma pensão em Elizabeth, que recebia principalmente imigrantes recém-chegados, e ele se preocupava muito com o bem-estar deles, mais do que se espera de um dono de pensão. É por isso que ele estava entre os que compraram a terra e aplainaram o terreno e fizeram o tratamento paisagístico, é por isso que atuou como primeiro diretor do cemitério. Na época, era relativamente jovem, mas tinha muito vigor, e o nome dele é o único que assina o documento em que está especificado que o cemitério se destinava a ‘enterrar os sócios falecidos de acordo com as leis e os rituais do judaísmo’. Como vocês podem ver, a manutenção dos túmulos, da cerca e dos portões não é mais como deveria ser. Há coisas apodrecidas e despencadas, os portões estão enferrujados, as trancas desapareceram, houve vandalismo. Com o tempo, o cemitério ficou muito próximo ao aeroporto, e o ruído distante que vocês estão ouvindo é do tráfego constante dos carros na rodovia expressa de Nova Jersey. Naturalmente, de início pensei nos lugares realmente bonitos em que meu pai poderia ser enterrado, os lugares onde ele e minha mãe iam nadar quando eram jovens, as praias que ele frequentava. No entanto, por mais triste que eu fique quando olho à minha volta e vejo toda essa deterioração — vocês provavelmente também sentem o mesmo, e talvez até se perguntem por que é que estamos reunidos num cemitério tão maltratado pelo tempo —, queria que meu pai ficasse junto das pessoas que o amaram e das quais descendeu. Ele amava seus pais, e é importante que

fique perto deles. Eu não queria que ficasse em outro lugar, sozinho”. Nancy permaneceu em silêncio por um momento para controlar as emoções. Uma mulher de trinta e poucos anos, de rosto suave, de uma beleza simples, tal como sua mãe outrora, ela não parecia de modo algum uma pessoa investida de autoridade, nem mesmo corajosa; mais parecia uma menina de dez anos sem saber o que fazer. Virando-se para o caixão, pegou um punhado de terra e, antes de lançá-lo sobre a tampa, disse com simplicidade, ainda com um ar de menina perplexa: “Pois é, é isso. Não há mais nada que a gente possa fazer, papai”. Então lembrou-se da máxima estoica de seu pai, de tantos anos atrás, e começou a chorar. “Não há como refazer a realidade”, disse ela ao pai. “O jeito é enfrentar. Segurar as pontas e enfrentar.”

O próximo a jogar terra sobre a tampa do caixão foi Howie, a quem ele cultuava quando os dois eram meninos e que, em troca, sempre o tratara com carinho e afeto, pacientemente ensinando-o a andar de bicicleta, a nadar e a praticar todos os esportes em que ele próprio se destacava. Parecia ainda capaz de correr com uma bola de futebol americano até o meio de campo, e já estava com setenta e sete anos. Jamais fora hospitalizado e, apesar de irmão de seu irmão, permanecera triunfalmente saudável durante toda a vida.

Sua voz estava rouca de emoção quando ele sussurrou para a mulher: “Meu irmão mais novo. Isso não faz sentido”. Então dirigiu-se a todos os presentes. “Vamos ver se eu consigo. Vamos falar sobre esse cara. O meu irmão...” Fez uma pausa para organizar as ideias e falar coisa com coisa. O jeito de se exprimir e o tom agradável de sua voz eram tão parecidos com os do irmão que Phoebe começou a chorar, e mais que depressa Nancy tomou-lhe o braço. “Nos últimos anos”, disse Howie, olhando para a sepultura, “ele teve problemas de saúde, e também estava solitário — um problema também muito sério. A gente conversava pelo telefone sempre que podia, se bem que, quando se aproximou o final da vida, ele tenha se afastado de mim, por motivos que nunca ficaram claros. Desde o tempo do colegial, ele sentia um impulso irresistível de pintar, e depois

que se aposentou da firma de publicidade, onde teve muito sucesso, primeiro como diretor de arte e, após ser promovido, como diretor de criação — depois de toda uma vida trabalhando como publicitário, ele pintou praticamente todos os dias de todos os anos que lhe restaram de vida. Dele podemos dizer o que certamente foi dito por todos aqueles que amavam quase todos os que estão enterrados aqui: ele deveria ter vivido mais. Deveria, sim.” Após um momento de silêncio, a expressão de dor e resignação em seu rosto foi substituída por um sorriso melancólico. “Quando entrei para o colegial e comecei a fazer treinamento esportivo na parte da tarde, ele assumiu as tarefas que antes era eu que fazia para meu pai depois das aulas. Ele adorava, com apenas nove anos de idade, levar os diamantes num envelope no bolso do paletó, ir de ônibus a Newark, onde o cravador, o gemólogo, o lapidário e o relojoeiro, nosso pai, ficavam cada um sentado em seu cubículo, lá na Frelinghuysen Avenue. Essas viagens davam um prazer imenso àquele menino. Tenho a impressão de que foi ao ver os artesãos trabalhando sozinhos naqueles lugares espremidos que meu irmão teve a ideia de usar as mãos para criar obras de arte. Creio que foi também ao examinar as facetas dos brilhantes através da lupa de meu pai que ele sentiu vontade de fazer arte.” De repente Howie foi dominado por um riso, uma rápida trégua no meio daquela tarefa, e disse: “Eu era o irmão convencional. Em mim, os brilhantes despertaram a vontade de ganhar dinheiro”. Depois retomou o fio da meada, voltando o olhar para a ampla e ensolarada janela da infância. “Nosso pai punha um pequeno anúncio no *Elizabeth Journal* uma vez por mês. Na época de festas, entre o Dia de Ação de Graças e o Natal, ele mandava publicar o anúncio toda semana. ‘Troque seu relógio velho por um novo.’ Todos aqueles relógios velhos que se acumulavam — a maioria já sem conserto — eram jogados numa gaveta nos fundos da loja. Meu irmãozinho ficava horas sentado ali, fazendo os ponteiros andar e ouvindo o tique-taque dos que ainda andavam, examinando cada mostrador, cada estojo. Era disso que ele gostava. Cem, duzentos relógios velhos, a gaveta inteira

provavelmente não valia mais que dez dólares, mas para ele, com o olho de artista que já estava desenvolvendo, a sala dos fundos era um baú de tesouro. Pegava aqueles relógios e punha no pulso — sempre andava com um relógio tirado daquela gaveta. Um dos que ainda funcionavam. E os que queria fazer funcionar porque gostava da cara deles, esses ele tentava consertar, mas não conseguia — no mais das vezes, ficavam piores ainda. Mas, enfim, foi assim que ele começou a usar as mãos em tarefas meticulosas. Meu pai sempre tinha duas moças recém-saídas do colegial, adolescentes ou de vinte e poucos anos, que o ajudavam no balcão da loja. Moças simpáticas e boazinhas de Elizabeth, bem-educadas, decentes, sempre cristãs, principalmente católicas irlandesas, filhas e irmãs e sobrinhas de empregados da fábrica de máquinas de costura Singer, ou da companhia de biscoitos, ou do cais do porto. Ele achava que a presença daquelas mocinhas cristãs bem-educadas fazia os fregueses se sentirem mais em casa. Quando um freguês pedia, as moças experimentavam as joias, atuavam como modelos para eles, e às vezes a gente tinha sorte e vendia. Meu pai dizia que, quando uma moça bonita usa uma joia, as outras mulheres ficam achando que se usarem a mesma joia vão ficar tão bonitas quanto ela. Os trabalhadores do cais do porto que vinham comprar alianças de noivado ou de casamento às vezes tinham a temeridade de segurar a mão da vendedora para examinar a joia mais de perto. Meu irmão também gostava de ficar com aquelas moças, muito antes de ter idade para entender por que é que a presença delas lhe dava tanto prazer. Ele as ajudava a esvaziar a vitrine e os mostruários no final do expediente. Era capaz de fazer qualquer coisa pra ajudá-las. Eles tiravam da vitrine e dos mostruários quase tudo, só ficavam as peças mais baratas, e logo antes de fechar a loja o menininho abria o cofre grande da sala dos fundos com o segredo que meu pai já lhe havia confiado. Era eu que antes fazia todas essas tarefas, e eu também tentava me aproximar o máximo das garotas, especialmente de duas irmãs louras que se chamavam Harriet e May. Ao longo dos anos foram muitas, Harriet, May, Annmarie, Jean, e mais Myra,

Mary, Patty, e Kathleen e Corine, e todas elas gostavam daquele menino. A Corine, que era muito bonita, instalava-se na bancada da sala dos fundos no início de novembro, e ela e meu irmão endereçavam os catálogos que a loja mandava imprimir e enviava a todos os clientes antes do período de festas, quando meu pai abria a loja seis noites por semana e todo mundo se matava de tanto trabalhar. Se a gente dava ao meu irmão uma caixa de envelopes, ele conseguia contá-los mais depressa que qualquer um, porque os dedos dele eram muito ágeis e ele contava os envelopes de cinco em cinco. Eu ia à sala dos fundos dar uma olhada, e não dava outra — lá estava ele a se exibir pra Corine, contando envelopes. Era impressionante como gostava de fazer tudo o que devia ser feito para ser o filho confiável do joalheiro! Era este o elogio favorito de nosso pai: ‘confiável’. Durante muitos anos, ele vendeu alianças para os irlandeses, alemães, eslovacos, italianos e poloneses de Elizabeth — em sua maioria, operários jovens e sem dinheiro. Muitas vezes, depois que ele fazia a venda, nós éramos convidados, toda a família, para o casamento. As pessoas gostavam do meu pai — ele tinha senso de humor, mantinha os preços baixos e vendia fiado pra qualquer um; e assim nós íamos, primeiro à igreja, depois à festa animada. Veio a Depressão, veio a guerra, mas enquanto isso as pessoas se casavam, as moças trabalhavam no balcão, e a gente ia de ônibus a Newark com centenas de dólares em diamantes guardados em envelopes nos bolsos de nossos casacos de lã. Em cada envelope nosso pai anotava as instruções para o cravador ou o gemólogo. Havia um cofre Mosley de um metro e meio de altura, com fendas nas laterais onde se encaixavam as bandejas de joias que a gente guardava cuidadosamente todas as noites e retirava todos os dias de manhã... E tudo isso era o cerne da vida de meu irmão como um bom menino.” Os olhos de Howie fixaram-se no caixão outra vez. “E agora, o quê?”, perguntou ele. “Acho melhor ficar por aqui. Eu poderia continuar, lembrar ainda mais coisas... Mas por que não lembrar? O que é que tem derramar mais um litro de lágrimas, entre familiares e amigos? Quando nosso pai morreu, meu irmão me per-

guntou se eu me incomodava se ele ficasse com o relógio dele. Era um Hamilton, feito em Lancaster, Pensilvânia, e segundo o perito, o padrão, era o melhor relógio já feito neste país. Sempre que vendia um Hamilton, nosso pai dizia ao freguês que ele havia feito a melhor escolha. ‘Veja só, eu mesmo uso um. Um relógio muitíssimo respeitado, o Hamilton. A meu ver’, dizia ele, ‘é o melhor relógio feito nos Estados Unidos, de longe.’ Custava setenta e nove dólares e cinquenta centavos, se não me falha a memória. Naquele tempo os preços todos terminavam com cinquenta centavos. O Hamilton tinha uma tremenda reputação. Era mesmo um relógio de classe, meu pai adorava o dele, e, quando meu irmão disse que queria ficar com ele, fiquei felicíssimo. Ele poderia ter escolhido a lupa e o estojo de carregar diamantes de nosso pai. Era um estojo de couro já gasto que ele levava no bolso do casaco sempre que saía da loja a trabalho: dentro tinha uma pinça, umas chaves de fenda minúsculas e a escala, uma série de pequenos aros para medir o tamanho de uma pedra redonda, e os papeizinhos brancos dobrados pra guardar diamantes soltos. Eram coisas pequenas e belas, importantes para ele, sempre perto das mãos ou do coração dele, e no entanto resolvemos enterrar a lupa e o estojo com tudo o que havia dentro junto com nosso pai. Ele sempre levava a lupa num dos bolsos e os cigarros no outro, por isso enfiamos a lupa dentro da mortalha. Lembro de meu irmão dizendo: ‘Na verdade, a gente devia mesmo era pôr no olho dele’. Para vocês verem o que a dor faz com a gente. Nós ficamos atordoados. Não sabíamos o que mais fazer. Certo ou errado, foi isso que achamos que tínhamos que fazer. Porque essas coisas não apenas pertenciam a ele — elas *eram* ele... Para terminar a história do Hamilton, o velho Hamilton do meu pai, que a gente dava corda todos os dias e puxava o pino para poder mexer nos ponteiros... meu irmão usava esse relógio dia e noite, menos quando ia nadar. Só o tirou do pulso em caráter definitivo há quarenta e oito horas. Ele o entregou à enfermeira para que ela o guardasse enquanto estava sendo operado — foi a operação que o matou. No carro, a caminho do cemitério hoje de manhã, minha sobrinha Nancy

me mostrou que tinha colocado mais um elo na pulseira, e agora é ela que está usando o Hamilton.”

Então vieram os filhos, homens de quarenta e muitos anos que, com seus cabelos negros e luzidios, seus olhos negros eloquentes e o sensual volume de suas bocas largas e idênticas, eram iguaizinhos ao pai (e ao tio) na idade deles. Homens bonitões, já começando a engordar, que, ao que parecia, eram tão unidos quanto eram irremediavelmente rompidos com o pai. O mais moço, Lonny, foi o primeiro a se aproximar da sepultura. Mas, depois que pegou um torrão de terra, todo seu corpo começou a tremer, a sacudir-se, dando a impressão de que ele estava prestes a vomitar com violência. Fora acometido por uma onda de sentimento pelo pai, um sentimento que não era de antagonismo, mas que o antagonismo o impedia de manifestar. Quando abriu a boca, dela só saiu uma série de sons sufocados, grotescos, como se a emoção que o dominava fosse algo que jamais o deixaria em paz. Seu estado era tão deplorável que Randy, o filho mais velho, mais decidido, o filho mais crítico, imediatamente veio salvá-lo. Tirou de sua mão o torrão de terra e jogou-o em cima do caixão pelos dois. E não teve nenhuma dificuldade em falar quando chegou sua vez. “Dorme em paz, papai”, disse Randy, e era aterrador constatar que não havia em sua voz o menor toque de ternura, dor, amor ou perda.

A última pessoa a se aproximar do caixão foi a enfermeira, Maureen, que parecia ser uma batalhadora, alguém que tinha familiaridade com a vida tanto quanto com a morte. Quando deixou, com um sorriso, que a terra escorresse lentamente por entre os dedos da mão entreaberta, caindo sobre o caixão, o gesto pareceu o prelúdio de um ato carnal. Não havia dúvida de que aquele homem era alguém que tivera outrora alguma importância para ela.

E assim terminou. Não se chegara a nenhuma conclusão. Todos tinham dito o que tinham a dizer? Não, e ao mesmo tempo é claro que sim. Em todo o estado, naquele dia, tinha havido quinhentos funerais como este, rotineiros, normais e, tirando os trinta segundos inesperados proporcionados pelos

filhos — e tirando a ressurreição efetuada por Howie, com tamanha precisão, do mundo inocente que existia antes da invenção da morte, a vida perpétua naquele éden criado pelo pai, um paraíso com apenas cinco metros de fachada e doze de profundidade, disfarçado de joalheria tradicional —, nem mais nem menos interessante que os outros. Por outro lado, é justamente o que há de normal nos funerais o que os torna mais dolorosos, mais um registro da realidade da morte que avassala tudo.

Minutos depois, todos já haviam ido embora — cansados, chorosos, deixando para trás a atividade menos atraente a que se entrega a espécie humana — e ele ficou só. É claro que, tal como ocorre quando qualquer pessoa morre, embora muitos estivessem sofrendo, outros permaneciam indiferentes, ou se sentiam aliviados, ou então, por motivos bons ou maus, estavam na verdade satisfeitos.

Embora tivesse se acostumado a viver sozinho e a se virar por conta própria desde o último divórcio, dez anos antes, deitado na cama, na véspera da cirurgia, ele se esforçou para lembrar com o máximo de exatidão possível cada uma das mulheres que estivera presente, esperando que ele se recuperasse dos efeitos da anestesia no quarto do hospital, lembrando até mesmo a mais incapaz das companheiras, sua última esposa; não fora uma experiência nada sublime recuperar-se, em companhia dela, de uma operação em que lhe foram implantadas cinco pontes de safena. A experiência sublime lhe fora proporcionada pela enfermeira particular de ar tranquilamente profissional que cuidou dele depois que voltou do hospital, com uma devoção animada que promoveu uma recuperação lenta porém progressiva, e com quem, sem que sua esposa soubesse, ele manteve um caso prolongado depois que recuperou sua potência sexual. Maureen. Maureen Mrazek. Ele dera uma série de telefonemas na tentativa de encontrá-la. Queria que ela viesse trabalhar como sua enfermeira, no caso de tais cuidados se tornarem necessários, quando ele voltasse para casa desta vez. Mas

dezesesseis anos haviam-se passado, e a agência de enfermagem do hospital tinha perdido contato com ela. Ela estaria agora com quarenta e oito anos, muito provavelmente casada e com filhos, a jovem bonita e cheia de energia transformada numa mulher corpulenta de meia-idade, enquanto a batalha de permanecer incólume já havia sido perdida por ele, pois o tempo transformara seu corpo num armazém de aparelhos artificiais cuja função era adiar o colapso. Nunca antes precisara de tanta diligência e engenho para conseguir driblar os pensamentos referentes a seu próprio fim.

Tantos anos depois, relembrou a ida ao hospital com a mãe para se operar de uma hérnia no outono de 1942, uma viagem de ônibus de apenas dez minutos. Normalmente, quando ia a algum lugar com a mãe, era no carro da família, com o pai ao volante. Mas agora estavam apenas eles dois no ônibus, indo para o hospital onde ele nascera, e era a presença da mãe que acalmava suas apreensões e lhe inspirava coragem. Quando pequeno, tinha extraído as amígdalas no hospital, mas nunca mais voltara lá. Agora ficaria internado por quatro dias e quatro noites. Era um menino sensato de nove anos, sem nenhum grande problema, porém no ônibus sentia-se como uma criancinha pequena e constatava que precisava da presença da mãe de uma maneira que julgava já ter deixado para trás.

Seu irmão, que cursava o primeiro ano do secundário, estava assistindo aula e seu pai tinha ido de carro para o trabalho bem antes de ele sair para o hospital com a mãe. No colo dela havia uma maleta contendo uma escova de dentes, um pijama, um roupão de banho e um par de chinelos, e mais os livros que ele levava para ler. Ainda se lembrava dos nomes dos livros. O hospital ficava bem perto da biblioteca local, de modo que sua mãe poderia pegar mais material de leitura se ele lesse todos aqueles livros enquanto estivesse no hospital. Ele ficaria uma semana convalescendo em casa antes de voltar às aulas e, na ocasião, estava mais preocupado com todas as aulas que ia perder do que com a máscara de éter que, ele sabia, iriam colocar sobre seu rosto para anestesiá-lo. No início dos anos 1940, os

hospitais ainda não permitiam que os pais passassem a noite com os filhos, e por isso ele teria de dormir sem a mãe, o pai ou o irmão por perto. Também isso o deixava ansioso.

Sua mãe era uma mulher articulada e de boas maneiras, tal como eram as mulheres que o atenderam na recepção do hospital e as enfermeiras do setor de cirurgia quando eles, tendo subido pelo elevador, chegaram à ala infantil do andar de cirurgia. Sua mãe levava a maleta porque, embora fosse bem leve, ele não devia carregar nenhum peso enquanto a hérnia não fosse operada e sua recuperação não fosse completa. Ele descobrira o inchaço na virilha esquerda alguns meses antes, mas não dissera nada a ninguém; simplesmente ficava pressionando-o com os dedos para que desaparecesse. Não sabia exatamente o que era uma hérnia, nem se seria sério aquele inchaço tão perto de seus órgãos genitais.

Naquele tempo, alguns médicos receitavam o uso de uma funda rígida, com peças de metal, se a família não quisesse operar a criança ou não tivesse dinheiro para custear uma cirurgia. Ele conhecia um menino no colégio que usava uma funda desse tipo, e um dos motivos que o levaram a não contar nada a ninguém era o temor de que o obrigassem a usar aquilo e os colegas descobrissem o fato quando fosse mudar de roupa para a aula de educação física.

Quando finalmente confessou aos pais, seu pai o levou ao consultório médico. Em pouco tempo o médico examinou-o e fez o diagnóstico e, após conversar alguns minutos com seu pai, começou a tomar as providências para a cirurgia. Tudo foi feito com velocidade espantosa, e o médico — o mesmo que o pusera no mundo — lhe garantiu que ele ia ficar bom, fazendo em seguida um comentário jocoso a respeito dos quadrinhos de Ferdinando, que eles dois gostavam de ler no jornal vespertino.

O cirurgião, o dr. Smith, era, segundo seus pais, o melhor da cidade. Tal como seu próprio pai, o dr. Smith, cujo nome original era Solly Smulowitz, havia sido criado nos cortiços, filho de imigrantes pobres.

Uma hora após chegar ao hospital, ele estava instalado no

leito, embora a cirurgia estivesse marcada para a manhã seguinte — era assim que cuidavam dos pacientes naquela época.

No leito ao lado do seu estava um menino que sofrera uma operação no estômago e que ainda não tinha permissão para se levantar da cama. A mãe do menino estava sentada à cabeceira, segurando-lhe a mão. Quando o pai veio visitá-lo após o trabalho, ele e a mãe conversaram em iídiche, o que o fez pensar que estavam preocupados demais para falar em inglês na presença do filho. O único lugar em que ele ouvia pessoas falando em iídiche era a joalheria, quando vinham refugiados da guerra em busca de relógios Schaffhausen, uma marca difícil de encontrar, que obrigava seu pai a dar vários telefonemas até conseguir localizar um — “Schaffhausen, quero um Schaffhausen”, era tudo o que eles sabiam dizer em inglês. É claro que o iídiche era praticamente a única língua falada quando os judeus hassídicos de Nova York iam a Elizabeth, uma ou duas vezes por mês, para reabastecer a loja de diamantes — para seu pai, seria caro demais manter um estoque grande no cofre. Havia muito menos comerciantes de joias hassídicos nos Estados Unidos antes da guerra do que depois, mas seu pai, desde o início, preferia lidar com eles a tratar com as grandes empresas de diamantes. O comerciante que vinha com mais frequência — e que havia migrado com a família, no intervalo de poucos anos, de Varsóvia a Antuérpia e de lá a Nova York — era um homem mais velho, sempre com um chapéu preto grande e um casaco preto comprido que não se via ninguém mais usar nas ruas de Elizabeth, nem mesmo os outros judeus. Tinha barba e tranças, e guardava os diamantes numa bolsa presa à cintura sob as roupas de baixo com franjas, que tinham um significado sagrado incompreensível — na verdade, lhe pareciam ridículas — para aquele menino cada vez menos religioso, mesmo depois que seu pai lhe explicou por que motivo os hassídicos ainda usavam os trajes de seus ancestrais europeus de dois séculos antes e viviam mais ou menos como eles, embora, como mais de uma vez ele tivesse argumentado com o pai, eles agora estivessem na América e tivessem liberdade de se vestir e fazer a barba e agir

tal como quisessem. Quando um dos sete filhos do comerciante de diamantes se casou, ele convidou toda a família para o casamento no Brooklyn. Todos os homens lá usavam barbas, todas as mulheres estavam de peruca, e homens e mulheres ficavam sentados em lados diferentes da sinagoga, separados por uma parede — depois da cerimônia, os homens e as mulheres nem sequer dançavam uns com os outros. Ele e Howie acharam tudo detestável naquele casamento. Quando o comerciante chegava na loja, ele retirava o casacão, mas continuava de chapéu, e os dois homens sentavam-se atrás do mostruário e tinham uma conversa agradável em iídiche, o idioma que os pais de seu pai, seus avós, continuaram a falar nas casas em que moravam com os filhos, já nascidos em território americano, até morrerem. Mas, quando chegava a hora de examinar os diamantes, os dois iam para a saleta dos fundos, com o chão forrado de linóleo, onde havia um cofre, uma bancada e — uma grudada na outra, atrás de uma porta que nunca se fechava por completo, mesmo quando se conseguia com muito esforço prender o gancho do lado de dentro — uma privada e uma pia minúscula. Seu pai sempre pagava à vista, com um cheque.

Depois de fechar a loja com a ajuda de Howie — baixar a grade com os cadeados sobre a vitrine, acionar o alarme antirroubo, passar todas as trancas na porta da frente —, seu pai foi visitar o filho mais novo no hospital, e o abraçou.

Ele estava lá quando o dr. Smith apareceu e se apresentou. O cirurgião estava de terno e não de jaleco branco, e seu pai levantou-se de repente assim que o viu entrar. “É o dr. Smith!”, exclamou.

“Então este é o meu paciente”, disse o dr. Smith. “Pois bem”, disse ele ao menino, aproximando-se da cama e segurando-o no ombro com firmeza, “nós vamos consertar essa hérnia amanhã e você vai ficar novinho em folha. Em que posição você gosta de jogar?”, perguntou.

“Na ponta.”

“Pois é, você vai estar jogando na ponta logo, logo. Vai poder jogar o que quiser. Durma bem que amanhã a gente se vê.”

Ousando brincar com o iminente cirurgião, seu pai disse: “E o senhor durma bem também”.

Quando chegou o jantar, seus pais sentaram-se a seu lado e conversaram com ele como se estivessem todos em casa. Falavam em voz baixa para não perturbar o menino doente e os pais dele, que agora estavam calados, a mãe ainda sentada a seu lado e o pai andando sem parar de um lado para outro ao pé da cama, depois saindo até o corredor e voltando. Desde que seus pais haviam chegado, o menino do leito ao lado não havia sequer se mexido.

Às 7h55, uma enfermeira pôs a cabeça dentro do quarto para anunciar que o horário de visita havia terminado. Os pais do outro menino mais uma vez conversaram em ídiche e, depois que a mãe deu vários beijos na testa do menino, eles saíram. Lágrimas escorriam pelo rosto do pai.

Então seus pais também se levantaram, para voltar para casa, onde seu irmão os esperava, e jantar mais tarde que de costume, na cozinha, sem ele. Sua mãe o beijou e abraçou bem apertado. “Você vai conseguir, meu filho”, disse o pai, abaixando-se para beijá-lo também. “É como quando eu mando você ir a algum lugar de ônibus, ou fazer alguma coisa na loja. Seja o que for, você nunca me decepçiona. Confiáveis — meus dois filhos são tão confiáveis! Fico todo orgulhoso quando penso nos meus filhos. Você sempre faz o que tem que fazer direitinho, com todo o capricho, todo o cuidado, porque foi assim que eu ensinei. Você vai e volta de Newark com o bolso cheio de diamantes de um quarto de quilate, de meio quilate, com a sua idade, sem nenhum problema. Quem vê acha que você não está levando nada mais caro que uma bobagem dessas que vêm numa caixa de pés de moleque. Pois, se você pode fazer esse serviço, também pode enfrentar isto aqui. É só mais um serviço pra você. Faça o que tem que fazer, leve a coisa até o fim, que amanhã vai estar tudo terminado. Quando derem o sinal, você começa a lutar. Certo?”

“Certo”, disse o menino.

“Quando a gente voltar a se ver amanhã, o dr. Smith já vai ter consertado esse negócio, e tudo vai estar bem.”